



Pandaemonium Germanicum. Revista de
Estudos Germanísticos

E-ISSN: 1982-8837

pandaemonium@usp.br

Universidade de São Paulo
Brasil

Uphoff, Dörthe

A área de alemão como língua estrangeira: desenvolvimento histórico e perspectivas
atuais

Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germanísticos, vol. 16, núm. 22,
diciembre, 2013, pp. 219-241

Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386635474012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A área de Alemão como Língua Estrangeira: desenvolvimento histórico e perspectivas atuais

[German as a Foreign Language: historical development and current perspectives]

Dörthe Uphoff ¹

Abstract: This article presents an overall history of a course in German as a Foreign Language (DaF) from the early 1950s until the present time. It focuses on the historical process of institutionalization of this endeavor in Germany and the increasing importance of the subject of German on the international scene through policies related to language and culture enacted by the German government, and the commercialization of books on the teaching of German produced for the global market.

Keywords: German as a foreign language; historical development; language policies

Resumo: O artigo apresenta as linhas gerais do desenvolvimento histórico da área de Alemão como Língua Estrangeira (ALE), desde os anos de 1950 até os dias de hoje, focalizando principalmente o processo de sua institucionalização na Alemanha bem como a crescente projeção da área no âmbito internacional, através de medidas de política linguística e cultural do governo alemão e a comercialização de livros didáticos produzidos para o mercado global.

Palavras-chave: Alemão como língua estrangeira; história; política linguística

Zusammenfassung: Der Artikel zeichnet die allgemeinen Entwicklungslinien des Fachs Deutsch als Fremdsprache (DaF) ab den Fünfziger Jahren bis zur heutigen Zeit nach. Schwerpunkte des historischen Abrisses sind der Institutionalisierungsprozess in Deutschland und die wachsende internationale Ausrichtung des Fachs im Rahmen von sprach- und kulturpolitischen Maßnahmen durch die Mittlerorganisationen Deutschlands sowie des weltweiten Vertriebs von Lehrwerken.

Stichwörter: Deutsch als Fremdsprache; Geschichte; Sprachpolitik

¹ Professora Doutora da Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. Email: dorth@usp.br

Introdução

O presente artigo tem por objetivo fazer uma introdução ao desenvolvimento histórico da área de Alemão como Língua Estrangeira (doravante ALE). Trata-se de uma área que apresenta uma longa tradição prática de ensino do idioma e que alcançou, nas últimas décadas, também o status de disciplina acadêmica, além de uma posição destacada nas pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de idiomas no âmbito internacional. Nossa proposta é descrever, de forma panorâmica, como essa área se desenvolveu na Alemanha desde a década de 1950 até os dias de hoje, levando em conta as diversas dimensões em que se observam interesses relacionados ao ensino-aprendizagem do ALE: a política linguística e cultural da Alemanha Ocidental e Oriental, o mercado editorial dos livros didáticos, bem como os esforços ligados ao estabelecimento do ALE como disciplina acadêmica autônoma.

A historiografia da área de ALE constitui um campo de pesquisa ainda pouco explorado, tanto no Brasil quanto nos países de língua alemã. Para o contexto específico do Brasil, dispomos principalmente de estudos que resgatam a história das escolas de imigração alemã no sul do país (cf., por exemplo, KREUTZ 1994, 2005), nas décadas que antecedem a campanha de nacionalização promovida pelo governo Getúlio Vargas. Sobre a retomada do ensino de alemão após a Segunda Guerra Mundial praticamente ainda não existem pesquisas científicas (cf. UPHOFF 2011) e também ainda não foram devidamente investigados os desenvolvimentos mais recentes, como a introdução do método comunicativo e o papel das diversas instituições alemãs de fomento à língua nesse contexto.

Nos países de língua alemã, o quadro de estudos históricos relacionados ao ALE é um pouco melhor. Assim, foram publicados, na última década, alguns trabalhos acerca da história do Instituto Goethe e do Instituto Herder, no bojo das comemorações dos 50 anos de existência dos mesmos (cf., por exemplo, GOETHE-INSTITUT INTER NATIONES 2001; ALTMAYER 2007). Também já existem algumas pesquisas de pós-graduação sobre outras instituições de ALE, como, por exemplo, o estudo de SORGER (2012) referente à Associação Internacional dos Professores de Alemão. Além disso, há, na Universidade de Bamberg, desde 2000, um grupo de pesquisa – a *Arbeitsstelle zur Geschichte des*

*Deutschen als Fremdsprache*² –, que se dedica à história do ensino da língua alemã a partir de um escopo mais amplo, investigando suas manifestações na Europa desde a época da Idade Média.

Contudo, apesar desses exemplos, observa-se ainda pouco interesse em aspectos históricos da área de ALE. De acordo com Dagmar BLEI (2003: 15), pesquisadora dessa temática, a história da disciplina acadêmica de ALE constitui um assunto negligenciado e pouco valorizado. Em consonância com isso, na última edição do Congresso Internacional de Professores de Alemão³ (*Internationale Deutschlehrertagung*, sigla “IDT”), maior evento da área, em julho de 2013, das cinquenta seções temáticas propostas pelos organizadores, nenhuma tratou especificamente de questões históricas do ensino-aprendizagem de ALE.⁴

Desse modo, temos hoje como principais fontes para uma visão panorâmica da história do ALE após a Segunda Guerra Mundial os artigos que constam nos dois *Handbücher* da área (cf. HELBIG ET AL. 2001 e KRUMM ET AL. 2010). KRUMM/SKIBITZKI/SORGER (2010: 44) ressaltam que seu trabalho ainda representa uma primeira aproximação ao tema, alegando a falta de um centro de documentação sobre a área como fator dificultante no trabalho historiográfico. Além disso, os autores apontam também para a pouca idade da área enquanto disciplina acadêmica como outra razão para a falta de estudos históricos em que se apoiar (ibd.).

Não obstante, defendemos, com HÜLLEN (2000), em seu “Discurso em defesa do estudo da história do ensino de línguas”, a importância do olhar para a história, uma vez que o mesmo proporciona um entendimento maior das implicações políticas e ideológicas – entre outras – que a atividade docente nesse campo encerra, para além da dimensão estritamente didática. Como se poderá ver nas próximas seções, os interesses políticos marcaram especialmente o reinício do ensino de ALE nas duas partes da Alemanha no cenário pós-guerra, provocando até hoje importantes deslocamentos na área.

Na apresentação que segue, nosso objetivo é destacar os principais desenvolvimentos de cada década, sem, naturalmente, pretender esgotar o assunto.

² Cf. o site do grupo de pesquisa em <<http://www.uni-bamberg.de/germ-lingdaf/agdaf/>> (07/07/2013).

³ Todas as traduções feitas do alemão, no âmbito deste artigo, são de nossa autoria.

⁴ Cf. listagem das seções no sítio eletrônico do evento em <<http://www.idt-2013.it/de/programm/sektionen/default.html>> (07/07/2013).

Como o tema é amplo, optamos por concentrar-nos em aspectos específicos de cada década que ilustram os diversos âmbitos em que se observam atividades ligadas ao ensino de ALE. Em consequência, diversos acontecimentos importantes e também instituições de renome que atuam na área de ALE ficaram de fora da discussão, o que se deve principalmente à nossa preocupação em não sobrecarregar o texto com uma grande quantidade de nomes e dados e assim ofuscar o olhar para as linhas gerais do desenvolvimento da área que pretendemos traçar.

1 Os anos de 1950: a fundação dos Institutos Goethe e Herder no contexto da política linguística e cultural dos dois estados alemães

O desenvolvimento da área de ALE no período pós-guerra é intimamente ligado à fundação de dois institutos que até hoje figuram entre os representantes mais destacados do campo de ensino e pesquisa que se estabeleceu nas décadas posteriores: o Instituto Goethe, na Alemanha Ocidental, e o Instituto Herder, localizado na parte oriental do país dividido. Ambos fundados na década de 1950, suas histórias exemplificam, até a reunificação do país, em 1990, os diferentes caminhos que os dois estados alemães trilharam após a Segunda Guerra Mundial na retomada do ensino do ALE como forma de incentivar o intercâmbio cultural com outros países e, assim, restabelecer relações políticas no âmbito internacional.

Vale salientar que o ensino do idioma como língua estrangeira apresenta uma longa tradição, que remonta de muito antes do final da Segunda Guerra Mundial. Como lembram BLEI/GOETZE (2001: 83), havia escolas alemãs no exterior desde o século XVIII.⁵ Ademais, existia, na Universidade de Berlim (atual Universidade Humboldt), o Instituto Alemão para Estrangeiros (*Deutsches Institut für Ausländer*, sigla “DIA”), que oferecia cursos de formação de professores de ALE, além de publicar importantes materiais didáticos da época como a *Deutsche Sprachlehre für Ausländer* de SCHULZ/SUNDERMEYER (1929).

⁵ No Brasil, um exemplo conhecido das escolas alemãs, em funcionamento até hoje, é o Colégio Visconde de Porto Seguro, de São Paulo, fundado em 1878 por um grupo de imigrantes alemães, com apoio do cônsul honorário da Alemanha da época, Bernhard Staudigel.

Outra instituição de especial relevância para a história da área de ALE é a Academia Alemã (*Deutsche Akademie*), fundada em 1923 com o objetivo de melhorar a imagem da Alemanha no exterior, desgastada devido ao papel do país na Primeira Guerra Mundial. Uma das áreas de atuação da Academia era justamente o ensino de ALE, para o qual foi montada uma rede de leitorados (*Lektorate*) no exterior. A instituição se manteve durante a Segunda Guerra Mundial⁶, mas foi dissolvida em 1945, pela força de ocupação americana.

Em 1951, na então Alemanha Ocidental, inaugurou-se o Instituto Goethe. Como conta MICHELS (2001), sua fundação partiu de uma iniciativa de antigos colaboradores da Academia Alemã. Os elos de continuidade com a antiga instituição, de acordo com esse autor (ibid.), eram claramente visíveis, uma vez que o Instituto Goethe assumiu o patrimônio financeiro da Academia e também recontratou diversos de seus ex-funcionários.

O Instituto Goethe atuava inicialmente na própria Alemanha, visando à formação de professores de ALE vindos do exterior. Já em 1953, no entanto, o Instituto começou a oferecer cursos de alemão em outros países e rapidamente montou sua rede de filiais ao redor do mundo, que hoje o caracteriza.

Em 1959, o Instituto Goethe tornou-se oficialmente um órgão que promove a política cultural da Alemanha Ocidental no exterior.⁷ Essa missão se mantém até hoje e é descrita da seguinte maneira no sítio eletrônico da instituição:

Promovemos o conhecimento da língua alemã no exterior e estimulamos a cooperação cultural em esfera internacional. Transmitimos uma visão abrangente da Alemanha através de informações sobre a vida política, social e cultural do país.

Nossa rede de Institutos, Centros Goethe, associações culturais, salas de leitura, bem como nossos centros de avaliação e de aprendizagem, possibilitam-nos assumir funções centrais no âmbito da política cultural e educacional no exterior. (GOETHE-INSTITUT 2013)

Na formulação “transmitimos uma visão **abrangente** da Alemanha” ressoa ainda hoje a preocupação em superar uma associação estreita do país com o passado nazista, uma necessidade certamente mais premente ainda na década de 1950. Como observam

⁶ O envolvimento da Academia Alemã com a política nazista foi investigado por Michels (2005).

⁷ Em 1976, o Instituto Goethe recebeu o estatuto de organização autônoma (*Mittlerorganisation*, em alemão, ou *quasi-autonomous non-governmental organisation*, em inglês), para sublinhar sua independência formal do governo alemão.

KRUMM/SKIBITZKI/SORGER (2010: 45), a promoção da língua alemã era considerada um instrumento importante para apresentar ao mundo uma nova imagem da Alemanha Ocidental e, assim, inseri-la na conjuntura política do pós-guerra.

Essa motivação também era decisiva para a fundação do Instituto Herder, vinculado à Universidade de Leipzig, antiga Universidade Karl Marx. Com o objetivo de viabilizar a estudantes de outros países socialistas um curso universitário na Alemanha Oriental, montou-se, na instituição, um curso preparatório de língua alemã a partir de 1951. Como lembra ALTMAYER (2007: 67), em seu discurso comemorativo aos 50 anos do Instituto Herder, costuma-se evocar a vinda de onze nigerianos, convidados a estudar na universidade por motivos de solidariedade política, como “mito fundador” (“*Gründungsmythos*”, ibd.) do instituto. Para receber os alunos, criou-se uma seção de apoio, considerado hoje o embrião do instituto. Em 1956, foi oficialmente inaugurado o “Instituto de estudos para estrangeiros” (*Institut für Ausländerstudium*), que cinco anos mais tarde passou a ser chamado de “Herder-Institut – Instituto de estudos preparatórios para estudantes estrangeiros na RDA e estabelecimento para promoção de conhecimentos de língua alemã no exterior” (*Herder-Institut - Vorstudienanstalt für ausländische Studenten in der DDR und Stätte zur Förderung deutscher Sprachkenntnisse im Ausland*, cf. Herder-Institut, s/d).

BLEI/GÖTZE (2001: 87) explicam que, para não assumir a herança política da República de Weimar, não se tentou dar continuidade às experiências bem-sucedidas do ensino de ALE feitas no *Deutsches Institut für Ausländer* (DIA), que existia até o ano de 1945 no lado oriental de Berlim. Preferiu-se, ao invés disso, um recomeço em outra cidade, enfatizando assim o compromisso com o ideal socialista. Como frisam KRUMM/SKIBITZKI/SORGER (2010: 48), o Instituto Herder desempenhou, desde o início, uma função política ao proporcionar aos estudantes vindos de países aliados, por meio do apoio à língua, uma vivência social e formação superior na Alemanha Oriental, para que atuassem, na sua volta, também como “multiplicadores ideológicos” (ibd.: 49) em seus países de origem.

2 Os anos de 1960: consolidação da posição de destaque dos Institutos Goethe e Herder

Na década de 1960, tanto o Instituto Goethe quanto o Instituto Herder rapidamente se destacaram na promoção do ensino de ALE. É interessante observar que as duas instituições, apesar das diferenças estruturais e políticas, apresentavam perfis de atuação relativamente parecidos. Assim, ambos ofereciam também cursos de formação de professores e empenhavam-se na produção de materiais didáticos. Dessa maneira, em pouco tempo, os dois institutos alcançaram fama internacional como centros de competência na metodologia e didática do ALE.

PARTHEYMÜLLER/RODI (1995), ao analisar as linhas gerais do desenvolvimento metodológico do instituto, fazem a seguinte avaliação da influência do Instituto Goethe sobre o ensino de ALE:

Quando investigamos a evolução da metodologia e didática do alemão como língua estrangeira, logo notamos a contribuição em larga escala de uma instituição: o Instituto Goethe. Sem dúvida, as abordagens e os materiais ali desenvolvidos marcaram a pesquisa e o ensino de alemão como língua estrangeira, principalmente em sua fase inicial. (PARTHEYMÜLLER/RODI 1995: 148)

A posição de referência do Instituto Goethe, no que diz respeito aos materiais de ensino, foi particularmente visível nas décadas de 1950 e 1960: os primeiros dois livros didáticos que se tornaram *best-sellers* no mundo ocidental foram elaborados por professores do instituto. Trata-se dos materiais *Deutsche Sprachlehre für Ausländer*, da autoria de Dora SCHULZ e Heinz GRIESBACH, publicado em 1955, e *Deutsch als Fremdsprache*, ou “BNS”, como é conhecido devido à sigla de seus autores, Korbinian BRAUN, Lorenz NIEDER e Friedrich SCHMÖE, de 1967.

A primeira obra citada ilustra também, de forma muito patente, a entrada em cena das editoras como agentes importantes na área de ALE. Como conta GRIESBACH (2001), em uma publicação comemorativa aos 50 anos do Instituto Goethe, os esforços da editora Hueber na comercialização do livro didático foram decisivos não só para o sucesso do material em si, mas também para a difusão do ensino de ALE de uma forma geral:

A área de alemão como língua estrangeira deve seu desenvolvimento bem sucedido à qualidade do ensino da língua no Instituto Goethe nos primeiros anos, bem como ao empenho engajado do editor Sr. Ernst Hueber, que disponibilizou os livros adequados ao redor do mundo, dos quais se beneficiaram milhões de aprendizes de alemão e também muitos autores de livros didáticos na Alemanha e no exterior. (GRIESBACH 2001: 75)

GRIESBACH (*ibid.*) ressalta o entrelaçamento das histórias do Instituto Goethe e da editora Hueber através do sucesso da *Deutsche Sprachlehre für Ausländer*:

Depois que o editor Hueber [...] atentou para o jovem Instituto Goethe, formou-se, com a “*Deutsche Sprachlehre für Ausländer*” de Dora Schulz e Heinz Griesbach, a pedra fundamental de **uma dupla história de sucesso**: a da editora Hueber e a do Instituto Goethe, na área de alemão como língua estrangeira. (GRIESBACH *ibid.*, grifo nosso)

Também no sítio eletrônico da editora Hueber, a relação estreita do Instituto Goethe com a editora é enfatizada:

O livro *Deutsche Sprachlehre für Ausländer* de Dora Schulz e Heinz Griesbach representa um marco na história da editora: O primeiro capítulo desse bem sucedido ramo da editora (Alemão como Língua Estrangeira) é escrito. Ernst Hueber participa de forma decisiva do desenvolvimento do Instituto Goethe. O ensino da língua alemã passa a ser a preocupação central de Hueber. (HUEBER 2013)

A atuação da editora Hueber na comercialização da *Deutsche Sprachlehre für Ausländer* é sintomática para a importância que as grandes editoras alemãs alcançaram nas décadas subsequentes no desenvolvimento de materiais didáticos para o ensino de ALE (cf. também UPHOFF 2009). Seu papel na difusão (e determinação) de tendências didático-metodológicas se fortaleceu até os dias de hoje e pode ser acompanhado pela publicação de materiais que marcaram gerações inteiras de livros didáticos, como o audiolingual “BNS” (da editora Klett) e os comunicativos *Deutsch aktiv* (Langenscheidt) e *Themen* (Hueber).

Enquanto no Instituto Goethe as atividades de ensino e produção de materiais didáticos eram voltadas sobretudo para o ensino geral da língua alemã, o Instituto Herder destacava-se desde cedo na introdução de elementos específicos de determinados cursos acadêmicos no ensino do idioma. Essa medida, adotada mais tarde também em outras universidades da Alemanha Oriental, visava a facilitar a integração do estudante estrangeiro na vida acadêmica e compreendia cursos preparatórios bem como matérias de apoio durante o próprio curso universitário (cf. BLEI/GÖTZE 2001: 88). ALTMAYER (2007: 70) ressalta o trabalho pioneiro do Instituto Herder na área do

ensino para fins específicos e salienta também a produção de materiais didáticos do instituto com essa orientação. O exemplo do livro *Deutsch – Ein Lehrbuch für Ausländer* (AUTORENKOLLEKTIV 1958) é característico desse foco de atuação. Publicado inicialmente em 1958, como obra geral de ensino da língua alemã, o material passou a abarcar, com o tempo, cada vez mais elementos técnicos até ganhar edições separadas para os cursos de química, biologia e matemática, nos anos de 1970 (cf. AUTORENKOLLEKTIV 1958, 1975, 1976).⁸

O vínculo do Instituto Herder com a Universidade de Leipzig viabilizou também um desenvolvimento mais rápido da área de ALE em direção a uma disciplina acadêmica na Alemanha Oriental. Assim, em 1964, o instituto fundou a revista *Deutsch als Fremdsprache*, primeiro periódico especializado em assuntos ligados ao ALE, que até hoje figura entre os principais órgãos de reflexão teórica da área. Além disso, em 1967, abriu-se no instituto uma unidade de pesquisa e somente dois anos mais tarde, em 1969, foi inaugurada a primeira cátedra de ALE, ocupada pelo Prof. Gerhard Helbig, co-autor da famosa *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht* (HELBIG/BUSCHA 1972). Em comparação, na Alemanha Ocidental, as primeiras cátedras surgiram apenas na década seguinte, nas universidades de Hamburgo, em 1975, Bielefeld e Munique, ambas em 1978.

Para finalizar a discussão em torno do desenvolvimento da área de ALE na década de 1960, vale destacar a fundação da Associação Internacional de Professores de Alemão (“IDV”) em 1968, que ilustra a atuação concomitante dos dois lados da Alemanha na promoção da área. KRUMM/SKIBITZKI/SORGER (2010: 52) frisam que enviados das duas partes do país estiveram presentes na reunião inaugural da associação, e que o engajamento na “IDV” possibilitava, nos anos seguintes, uma das poucas oportunidades de encontro que havia em tempos de guerra fria entre estudiosos da área dos dois estados alemães. Entre as principais atividades da associação figura, até hoje, a organização do Congresso Internacional de Professores de Alemão (“IDT”). Também nesse âmbito, a importância dos institutos Herder e Goethe como molas propulsoras do desenvolvimento da área se faz notar. Assim, a primeira edição do

⁸ Cf. BLEI (1997: 794) para uma listagem dos principais livros didáticos de ALE publicados na Alemanha Oriental entre 1958 e 1988. Percebe-se, nessa lista, o grande percentual de obras para fins específicos de uso da língua alemã.

evento teve lugar em Munique, com apoio do Instituto Goethe, no ano de 1967, ainda antes da fundação oficial da “IDV”, enquanto o segundo congresso foi realizado na Universidade de Leipzig, em 1969.

3 Os anos de 1970: estabelecimento de um campo de pesquisa científica na área de ALE

Como vimos na seção anterior, os inícios do estabelecimento de uma disciplina acadêmica na área de ALE remontam da década de 1960 na Alemanha Oriental, enquanto na Alemanha Ocidental esse processo começou um pouco mais tarde, nos anos de 1970.

De acordo com GOETZE ET AL. (2010: 20), foram principalmente dois desenvolvimentos sociais que impulsionaram o interesse acadêmico na área de ALE: o aumento de estudantes estrangeiros nas universidades alemãs, além do crescente número de trabalhadores vindos de outros países. A primeira tendência levou à inauguração do primeiro curso de germanística especialmente voltado para alunos estrangeiros, na Universidade de Heidelberg, em 1970, dando início, ademais, a reflexões sobre a relação entre a germanística “tradicional”, marcada pelo olhar “de dentro” do falante nativo, e o novo campo do ALE, orientado nas necessidades do estrangeiro e caracterizado pelo olhar “de fora” (cf. WIERLACHER 1975).

Com a presença expressiva de trabalhadores migrantes na sociedade alemã, segunda tendência assinalada por GOETZE ET AL. (2010), os pesquisadores começaram a se debruçar também sobre os processos de aquisição da língua alemã em contextos não formais, desvinculados da sala de aula. As investigações nessa área ganharam fôlego com as novas concepções de aquisição de línguas que passaram a ser discutidas na época, como a hipótese nativista e da interlíngua (a esse respeito, vide, por exemplo, BAUSCH/KASPER 1979), que proporcionaram um outro olhar sobre o desempenho do aprendiz na apropriação de um segundo idioma. Um importante estudo produzido nesse âmbito foi o projeto ZISA (*Zweitspracherwerb italienischer und spanischer Arbeiter* – “Aquisição de segunda língua de trabalhadores italianos e espanhóis”), de CLAHSSEN/MEISEL/PIENEMANN (1983), que despertou interesse internacional.

É principalmente na Alemanha Ocidental que pesquisas como essa, de cunho psicolinguístico, passaram a ser desenvolvidas, enquanto na Alemanha Oriental, em especial no Instituto Herder, predominavam estudos que focalizavam a descrição dos diferentes subsistemas linguísticos sob a ótica do ensino de ALE, com destaque para a fonética e a lexicologia, além da própria sintaxe. Como ressalta ALTMAYER (2007), os resultados dessa linha de pesquisa tiveram ampla disseminação também na parte ocidental do país, sobretudo a já citada *Deutsche Grammatik* de HELBIG/BUSCHA (1972), de acordo com ALTMAYER (ibid.: 71), “provavelmente o livro mais famoso e mais usado que já foi publicado em nossa área”.

Para fechar essa seção, vale chamar a atenção para a paulatina substituição da expressão “Deutsch für Ausländer” (“Alemão para estrangeiros”), até então usual em títulos de materiais didáticos e de outras publicações da área⁹, pelo termo “Deutsch als Fremdsprache” (“Alemão como Língua Estrangeira”), que pode ser observada na década de 1970. A renomeação da área aponta para um olhar mais diferenciado e acadêmico dos processos de ensino e aprendizagem da língua alemã que se alcançou nessa época, em detrimento de um olhar meramente prático, centrado na ótica do falante nativo, a qual o termo “para estrangeiros” sugeria. Conforme afirmam KRUMM/SKIBITZKI/SORGER (2010), a mudança na denominação visava a “sinalizar que não se tratava apenas do ensino da língua, mas de uma qualidade específica do idioma alemão, pelo fato de que o mesmo era estranho aos aprendizes” (ibid.: 47).

4 Os anos de 1980: globalização do método comunicativo

As mudanças paradigmáticas que ocorreram na linguística com a proposição de uma teoria funcional de linguagem acabaram por atingir também a prática de ensino de línguas estrangeiras, causando uma verdadeira reviravolta nas orientações metodológicas a partir da década de 1970. Assim, começou-se a discutir a importância de uma competência comunicativa no idioma alvo, em oposição a um conhecimento meramente formal sobre o mesmo. Como consequência, procedimentos de ensino pautados no estruturalismo passaram a sofrer críticas, sendo substituídos por um novo

⁹ A revista *Deutsch als Fremdsprache*, do Instituto Herder, por exemplo, levava o subtítulo de “revista para a teoria e prática do ensino de alemão para estrangeiros” (*Zeitschrift für Theorie und Praxis des Deutschunterrichts für Ausländer*, grifo nosso).

paradigma didático-metodológico, a abordagem comunicativa. No entanto, enquanto havia muitos defensores do comunicativismo na Europa Ocidental, berço da nova orientação metodológica, em outras regiões do mundo o método frequentemente não se coadunava tão bem com a cultura local de ensino e aprendizagem. Não obstante, as práticas de ensino valorizadas na Alemanha sobrepunham-se, muitas vezes, ao fazer local, e instituições ocidentais de fomento ao ensino da língua alemã, como o Instituto Goethe ou a Central para Escolas no Exterior (*Zentralstelle für das Auslandsschulwesen*, sigla “ZfA”), incentivavam a adoção do novo método, por meio da disponibilização de materiais e treinamentos para professores. De acordo com STEINMÜLLER (2008), existia, na relação da Alemanha (Ocidental) com o exterior, no que dizia respeito à área de ALE, “uma hierarquia de fornecedor e recebedor” (“*eine Hierarchie von Geber und Abnehmer*”, cf. STEINMÜLLER ibd.: 2), em que a Alemanha produzia os saberes relevantes que depois eram retomados e adotados também em outros lugares do mundo.

As dificuldades que envolviam esse processo provocavam críticas e, também nas próprias instituições que estimulavam a “exportação do método” (cf. SEEL 1986: 5), a situação gerava controvérsias, como se pode depreender, por exemplo, de uma publicação do Instituto Goethe do ano de 1986, intitulada “Transferência de métodos ou formas adaptadas de ensino?” (“*Methodentransfer oder angepasste Unterrichtsformen?*”, cf. GERINGHAUSEN/SEEL 1986). No prefácio a essa obra, encontra-se a seguinte reflexão:

O Instituto Goethe assume, assim como outras instituições de fomento à língua [*Mittlerinstitutionen*] da Alemanha Ocidental (DAAD, ZfA, entre outras), tarefas de orientação didático-pedagógica no âmbito do Alemão como Língua Estrangeira ao redor do mundo. Trata-se, aqui, tanto de questões de material didático quanto de concepções didático-metodológicas, assim como da formação inicial e continuada de professores de alemão. Vale indagar onde situar essa atividade de intermediação, entre “adaptação” e “missão”, entre “formas adaptadas de ensino” e “exportação de métodos”. Levamos “modelos” de ensino de alemão para o exterior com a suposição tácita de que as concepções aqui desenvolvidas podem reivindicar validade no mundo inteiro? Ou, ao contrário, a ideia da “regionalização” implica também na exigência de desenvolver (e aceitar) formas regionais de ensino? (SEEL 1986: 5; *aspas no original*)

Um pouco mais à frente, o autor resume assim a proposta da obra:

Ademais, pretendemos indagar de que maneira é preciso descrever formas “locais” ou “tradicionais” de aprendizagem, para não denunciá-las como formas deficitárias, “atrasadas” ou “antiquadas”; pretendemos desvincular as formas de aprendizagem do

olhar meramente técnico e indagar sobre sua relevância pedagógica, social e cultural. (*ibid.*; aspas no original)

O uso das aspas, nas duas citações, indica que SEEL (1986) retomou colocações que circulavam nos debates em torno dos motivos e desafios da propagação do método comunicativo no âmbito internacional e do papel do Instituto Goethe nesse contexto. O tom polêmico de algumas das expressões empregadas (“missão” e “atrasadas”, principalmente) sugere que o debate suscitava opiniões fortes.

KRUMM (1987) realizou uma pesquisa para levantar as atitudes dos professores do Instituto Goethe com relação à difusão do método comunicativo nas diversas regiões do mundo. O estudo revelou que muitos professores – tanto os locais quanto os enviados da Alemanha – davam preferência à nova orientação metodológica, criticando as tradições locais de ensino, marcadas pela aula expositiva e a falta de interação entre os alunos (*ibid.*: 117). Essa situação, segundo o autor, era resultado das medidas de formação de professores oferecidas pelo Instituto Goethe, que envolviam geralmente cursos de atualização para os quais os participantes eram levados para a Alemanha, e que aconteciam, portanto, longe da realidade local do ensino. Na visão de KRUMM (*ibid.*: 116), essa socialização profissional “centrada na Europa” (*ibid.*) levava os professores a avaliar os materiais e métodos importados como “superiores” (*ibid.*), uma tendência que o autor observou também nos próprios docentes dos treinamentos:

Não percebemos mais se existem, eventualmente, nas diferentes culturas, tradições próprias de ensino e aprendizagem, das quais o ensino de alemão poderia se beneficiar, e se nós poderíamos aprender com os professores locais de alemão na formação continuada. (*ibid.*)

Instaurou-se, dessa maneira, um desnível entre a metodologia propagada na Alemanha e outras tradições de ensino, em que a Alemanha definia as práticas consideradas modernas que depois eram adotadas também em outros lugares do mundo. Como afirma STEINMÜLLER (2008), apenas recentemente essa hierarquia começou a ser quebrada e os outros países passaram a lidar de forma mais independente com os desafios locais relativos ao ensino de ALE.

O advento da abordagem comunicativa e o crescente interesse pela língua alemã ao redor do mundo proporcionaram um verdadeiro *boom* no mercado editorial dos livros didáticos na Alemanha Ocidental. Se antes havia pouca variedade de materiais, a

partir dos anos de 1980 testemunhou-se uma crescente situação de concorrência entre publicações de diversas editoras, principalmente no que diz respeito a obras de ensino para o nível básico. Famosos materiais comunicativos como *Deutsch aktiv* (NEUNER ET AL. 1979) e *Themen* (AUFDERSTRASSE ET AL. 1983) passaram a ser empregados também em outros países e, não raro, era através deles que o novo método era introduzido ao ensino da língua alemã.

A crescente internacionalização do mercado editorial inibia muitas vezes a produção local de materiais de ensino, uma tendência particularmente visível no Brasil. Assim, enquanto em décadas anteriores era possível encontrar também materiais nacionais, a despeito da presença de obras importadas, a partir da introdução do novo método a produção nacional de livros didáticos para o ensino de ALE praticamente cessava. O último material elaborado no Brasil e amplamente empregado nas escolas de idiomas pelo país foi o “Rautzenberg” (*Grundkurs* e *Aufbaukurs Deutsch*, dos autores RAUTZENBERG e RAUTZENBERG 1975, 1976), de orientação estruturalista.

O método comunicativo também era propagado na Alemanha Oriental, no entanto, como relata SABALIUS (1995), o mercado editorial era mais centralizado e não havia uma pluralidade de materiais tão grande. A discussão metodológica, assim, se dava mais no âmbito teórico-acadêmico, ao passo que os livros didáticos muitas vezes não chegavam a acompanhar as novas tendências. SABALIUS (*ibid.*: 60), ao comparar o material comunicativo *Themen* (AUFDERSTRASSE ET AL. 1983), da Alemanha Ocidental, com o material *Deutsch intensiv* (AUTORENKOLLEKTIV 1990), publicado na Alemanha Oriental, constata um certo “anacronismo didático” na configuração do último. O autor argumenta que os textos do livro mantêm um caráter artificial, mais condizente com orientações metodológicas anteriores, e o material, como um todo, não incentiva os alunos a expressar suas opiniões.

5 Os anos de 1990: mudanças estruturais e debate sobre a especificidade da área de ALE

A reunificação da Alemanha em 1990 acarretou profundas mudanças para a área de ALE. Assim como ocorria em outros setores da vida social, a desconfiança com relação ao envolvimento político-ideológico das entidades da antiga Alemanha Oriental levava

a uma dominância das estruturas já existentes na Alemanha Ocidental, em termos de instituições, conteúdos e recursos humanos (cf. KRUMM/SKIBITZKI/SORGER 2010: 53). Assim, o Instituto Goethe, por exemplo, assumiu os institutos culturais que a Alemanha Oriental mantinha em alguns países, e diversas cátedras de ALE em universidades do leste foram ocupadas por pesquisadores vindos da Alemanha Ocidental (ibid.: 54). Por outro lado, não se levou adiante um plano de fusão dos Institutos Goethe e Herder que havia sido formulado inicialmente (ibid.).

A reunificação da Alemanha também provocou mudanças no âmbito internacional da área de ALE. Devido à grande procura pela língua alemã nos países do leste europeu, as medidas de fomento ao ensino do governo alemão passaram a se concentrar nessa região, levando, em contrapartida, a uma redução das atenções em outros lugares do mundo. Essa mudança de foco traduziu-se, por exemplo, na abertura de novas filiais do Instituto Goethe nos países do antigo bloco comunista, enquanto unidades em outros países, como no Brasil, foram fechadas.

Com a queda do comunismo no leste europeu, também outros países de língua alemã começaram a montar uma estrutura institucional na área de ALE para desenvolver uma política de promoção do idioma no exterior. Assim, na Áustria, em 1993 e 1995 foram inauguradas as primeiras cátedras de ALE nas universidades de Viena e Graz. Desde 1994, o país oferece o “Diploma austríaco de língua alemã” (*Österreichisches Sprachdiplom Deutsch*), através da “Cooperação Áustria” (*Kooperation Österreich*), uma instituição fundada em 1993 que também fomenta o ensino do alemão em universidades estrangeiras por meio do envio de leitores e assistentes de língua.

No âmbito científico, a consolidação da área de ALE como disciplina acadêmica, que passou a ser oferecida cada vez mais como curso independente, ou seja, desvinculada da germanística, suscitou uma reflexão profunda sobre as especificidades dessa área de ensino e pesquisa. Entre os anos de 1996 a 1999, a revista *Deutsch als Fremdsprache*, do Instituto Herder, foi palco de um amplo debate entre estudiosos de renome que colocaram suas visões sobre o perfil e os conteúdos nucleares da nova disciplina de ALE em discussão. O debate girou em torno da relação da área com outras disciplinas como a psicolinguística e as ciências culturais, além da própria germanística. O título da contribuição de KÖNIGS (1996), “Alemão como Língua Estrangeira – uma

disciplina em busca de seus contornos” (“*Deutsch als Fremdsprache – ein Fach auf der Suche nach seinen Konturen*”), ilustra bem a preocupação central do debate.

De um modo geral, os participantes do debate concordaram que a disciplina de ALE deva ser considerada hoje como autônoma, apesar de sua proximidade com outras ciências. Argumentou-se que a área de ALE não pode mais ser reduzida a um mero campo de aplicação de saberes formulados em outras disciplinas, mas que deva afirmar sua independência com autoconfiança (cf. GÖTZE/SUCHSLAND 1996: 71). De acordo com esses autores,

[a área de] Alemão como Língua Estrangeira constitui uma disciplina uniforme com diversas tarefas e focos de atuação, em cujo cerne figuram a teoria e a prática da aquisição/aprendizagem e do ensino da língua estrangeira alemã. (ibd., p. 67)

HELBIG (1997) salientou a complexidade da disciplina acadêmica de ALE, que precisa conciliar seu anseio por autonomia com sua configuração eminentemente interdisciplinar, que não pode ser negada. Segundo o estudioso, a área aproveita, sim, conhecimentos gerados em diversos outros campos de estudo, mas não de forma direta e não sem reflexão própria (ibd.: 132). Por isso, a área não deve procurar subordinar-se a uma disciplina-mor, seja ela a germanística, a linguística ou qualquer outra, já que “somente todos os componentes em conjunto asseguram o caráter interdisciplinar do ALE” (ibd.: 135).

Em consonância com essa posição, GÖTZE ET AL. (2001: 4), em um artigo retrospectivo do debate, diferenciam quatro linhas de atuação que se cristalizam na área de ALE nos anos de 1990: 1) uma vertente linguística; 2) uma vertente didático-metodológica, voltada para os processos de ensino e aprendizagem do ALE; 3) uma vertente voltada para questões (inter)culturais; e 4) uma vertente voltada para os estudos literários. Em todos esses focos, a marca distintiva da área com relação às demais disciplinas adjacentes é o olhar de fora, a perspectiva do outro, além do tratamento didático que os conteúdos costumam receber.

6 Os anos de 2000: crescente proliferação e diferenciação dos campos de pesquisa

A consolidação da área de ALE como campo de pesquisa comprova-se com a publicação do primeiro manual internacional (*Handbuch*) da disciplina em 2001 (HELBIG ET AL. 2001). O fato de que apenas nove anos mais tarde é editada uma versão completamente reformulada desse manual (KRUMM ET AL. 2010) demonstra a efervescência das atividades de pesquisa nos primeiros anos do novo milênio. Chama atenção a mudança no título da obra, de “Alemão como Língua Estrangeira” para “Alemão como Língua Estrangeira e Segunda Língua”, que aponta para uma crescente diferenciação dos campos de trabalho dentro da disciplina. Impulsionados por políticas de integração de habitantes estrangeiros, os estudos que focalizam as condições específicas do ensino-aprendizagem em um contexto de segunda língua se tornam uma importante linha de pesquisa à parte. Indício dessa evolução é o número de artigos dedicados exclusivamente a essa área. Se na primeira edição de 2001 havia apenas um artigo com esse recorte, na segunda edição de 2010 um total de onze artigos trata de aspectos do ensino-aprendizagem do alemão nessa modalidade.

Em consonância, também o bloco temático ligado à política linguística ganhou mais destaque, passando do final do segundo volume para o início do primeiro. No prefácio à nova versão, os editores do *Handbuch* justificam esse reposicionamento com a crescente relevância da dimensão política tanto para o ensino da língua alemã quanto para as atividades de pesquisa a ele relacionadas (cf. KRUMM ET AL. 2010: VI).

Essa nova tendência verifica-se também na seção sobre procedimentos de avaliação, onde foram acrescentados alguns artigos sobre o impacto das certificações externas e metas oficiais (*Bildungsstandards*) para o ensino do alemão como língua estrangeira e segunda língua. Essas mudanças apontam para os efeitos da publicação do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, em 2001, que impulsionou a revisão e o desenvolvimento de novos testes standardizados e refletem, ademais, as novas políticas de integração de estrangeiros na Alemanha e na Áustria que cada vez mais exigem dos migrantes a comprovação oficial de conhecimentos do idioma alemão.

Além das seções comentadas, várias outras também sofreram alterações mais extensas em relação ao *Handbuch* de 2001. Assim, ampliou-se, por exemplo, a seção

sobre o papel da literatura no ensino de ALE, enquanto nas seções sobre *Landeskunde* (aspectos culturais), ganhou destaque a nova perspectiva teórica das ciências culturais (*Kulturwissenschaften*, cf. ALTMAYER 2004). Como explicam os editores de 2010 (KRUMM ET AL. 2010: VI), os processos de globalização e migração fazem com que questões de língua, identidade e poder se tornem temas relevantes de investigação também na área de ALE, uma tendência que se observa principalmente no campo das ciências culturais.

Em suma, a conjuntura atual da área de ALE, tal como ela se apresenta na configuração do novo *Handbuch*, é marcada por uma crescente influência de questões de ordem política nas práticas de ensino e pesquisa. Esse desenvolvimento é tanto mais notável, se consideramos, de acordo com CHRIST (1995: 75), que a dimensão política do ensino de línguas, apesar de estar sempre presente, costuma frequentemente ser menosprezada nas indagações teóricas, onde costuma prevalecer o enfoque didático. Ademais, a diferenciação que se faz no título entre o Alemão como Língua Estrangeira e como Segunda Língua aponta para uma crescente especialização da área, com base em uma maior segmentação dos diversos contextos de ensino e aprendizagem do idioma, a qual, como os próprios editores (KRUMM ET AL. 2010: VII) alertam, tende a dificultar o olhar interdisciplinar que caracteriza a disciplina em sua essência.

Considerações finais

O presente trabalho teve por objetivo traçar as linhas gerais do desenvolvimento da área de ALE na Alemanha desde os anos de 1950. A discussão focalizou as principais tendências em cada década, que podem ser resumidas da seguinte maneira:

- Na década de 1950, a retomada do ensino de ALE visa principalmente ao restabelecimento de contatos internacionais no âmbito da política cultural e educacional externa. A fundação dos Institutos Goethe, na Alemanha Ocidental, e Herder, na Alemanha Oriental, é emblemática para esse processo.
- Apesar das diferenças estruturais e ideológicas, ambos os institutos, já na década subsequente, tornam-se centros de referência em questões didático-metodológicas do ensino de ALE. Os dois institutos destacam-se também na produção de materiais didáticos para a área.

- A década de 1970 é marcada pelo estabelecimento da área de ALE como disciplina acadêmica e campo de pesquisa. Essa evolução inicia mais cedo na Alemanha Oriental, onde já em 1969 é inaugurada a primeira cátedra de ALE no Instituto Herder.
- Nos anos de 1980, observa-se uma crescente proliferação de materiais didáticos na Alemanha Ocidental, onde novas editoras começam a interessar-se pelo ramo do ALE. Essa tendência é impulsionada pela difusão do método comunicativo ao redor do mundo, que aumenta também o desnível percebido entre a cultura ocidental de ensino e aprendizagem, considerada avançada, e outras formas de ensino, avaliadas como tradicionais ou conservadoras.
- Nos anos de 1990, a abertura política no leste europeu faz com que outros países, principalmente a Áustria, comecem a empenhar-se na promoção da língua alemã no exterior. A crescente projeção do ALE como disciplina acadêmica autônoma provoca, na segunda metade da década de 1990, um amplo debate sobre a especificidade da área em comparação a outras disciplinas próximas.
- Na primeira década do novo milênio, a publicação e consecutiva reedição de um extenso manual sobre o estado da arte da disciplina comprova a consolidação da mesma na comunidade acadêmica internacional. Novas linhas de pesquisa despontam e a importância da dimensão política como mola propulsora do ALE começa a ser reconhecida e refletida também no meio acadêmico.

Como resultado de seu desenvolvimento, a área de ALE apresenta-se hoje como um complexo campo de forças em volta do ensino da língua, onde se entrecruzam interesses variados de ordem acadêmica, política e comercial.

Para finalizar, vale lançar um olhar sobre as últimas tendências e preocupações da área, reveladas através da programação do XV Congresso Internacional de Professores de Alemão, que foi realizado em julho/agosto de 2013. Já o lema do evento, “Alemão de dentro – Alemão de fora” (*Deutsch von innen – Deutsch von außen*), indica um deslocamento importante na delimitação do escopo da área. Se antes era justamente o olhar de fora que marcava a identidade da área, agora também a perspectiva de dentro, ou seja, a reflexão sobre o ensino de alemão como língua materna começa a adquirir

relevância. Esse redimensionamento é justificado da seguinte maneira na programação do evento:

ALE e ALM [= Alemão como Língua Materna], que representaram, até pouco tempo atrás, mundos didáticos separados, estão cada vez mais se aproximando nas realidades da sala de aula. Como elo e ponte figura o ASL [= Alemão como Segunda Língua], o ensino de alemão para aqueles que, vivendo em um contexto onde se fala a língua alemã, precisam – e desejam – assimilar seu meio de comunicação verbal, por meio oral e escrito. [...]

O Congresso Internacional de Professores de Alemão de 2013 [...] visa a ser um lugar de encontro, um lugar onde o olhar de dentro e o olhar de fora entram em contato, onde ambos aprendem um com o outro e se desenvolvem juntos por meio de um diálogo crítico [...]. (IDV 2012: 4)

O movimento em favor da segmentação dos diferentes contextos de ensino e aprendizagem do alemão, que caracteriza a nova edição do *Handbuch*, de 2010, dá lugar, portanto, a um olhar mais amplo, que procura integrar as três modalidades de apropriação de uma língua, como materna, estrangeira, e ainda segunda língua. Observa-se, aqui, o empenho em superar essas categorias estanques, que foram formuladas pelas ciências em épocas anteriores, mas que não se mostram mais válidas em face à crescente mobilidade das pessoas no mundo globalizado, que leva a biografias linguísticas cada vez mais marcadas pela coexistência de vários idiomas. Assim, é com base no reconhecimento do plurilinguismo como característica fundamental do aprendiz a ser levada em consideração que os organizadores do evento afirmam:

A pesquisa sobre aquisição de língua e a pesquisa empírica do ensino não nos permitem apenas uma compreensão mais profunda acerca dos processos da aprendizagem, mas nos impelem a repensar nosso fazer didático e a descartar teorias que se tornaram caras para nós. [...]

As perspectivas mudaram, as interfaces deslocaram-se. Línguas encontram-se cada vez mais próximas, tocam-se e agem uma sobre a outra. Alemão como primeira língua, alemão como língua estrangeira e alemão como segunda língua são usados lado ao lado e juntos, influenciando-se mutuamente. (IDV 2012: 4)

A área de ALE está, dessa forma, a caminho de uma nova abertura para um campo de ensino e pesquisa – o Alemão como Língua Materna – contra o qual procurou afirmar sua autonomia, ainda na década de 1990. Esse movimento coaduna-se com um processo mais amplo de questionamento de categorias conceituais estabelecidas no século XX, que se observa também em outros âmbitos científicos.

Referências bibliográficas

- ALTMAYER, Claus. *Kultur als Hypertext. Zu Theorie und Praxis der Kulturwissenschaft im Fach Deutsch als Fremdsprache*. München, Iudicium, 2004.
- ALTMAYER, Claus. 50 Jahre Herder-Institut, 50 Jahre Deutsch als Fremdsprache. Traditionen und Grenzüberschreitungen. In: *Deutsch als Fremdsprache* 44(2), 2007. pp. 67-74.
- AUFDERSTRASSE, Hartmut / BOCK, Heiko / GERDES, Mechthild / MÜLLER, Jutta. *Themen 1*. Ismaning, Hueber, 1983.
- AUTORENKOLLEKTIV. *Deutsch. Ein Lehrbuch für Ausländer. Teil 1*. Leipzig, Verlag Enzyklopädie, 1958.
- AUTORENKOLLEKTIV. *Deutsch. Ein Lehrbuch für Ausländer. Einführung in die Fachsprache Chemie und Biologie*. Leipzig, Verlag Enzyklopädie, 1975.
- AUTORENKOLLEKTIV. *Deutsch. Ein Lehrbuch für Ausländer. Einführung in die Fachsprache Mathematik*. Leipzig, Verlag Enzyklopädie, 1976.
- AUTORENKOLLEKTIV. *Deutsch intensiv. Grundkurs für Ausländer*. Leipzig, Verlag Enzyklopädie, 1990.
- BAUSCH, Karl-Richard / KASPER, Gabriele. Der Zweitsprachenerwerb: Möglichkeiten und Grenzen der „großen“ Hypothesen. In: *Linguistische Berichte* 64, 1979. pp. 3-35.
- BLEI, Dagmar. Deutsch als Fremdsprache in der DDR. Ein Beitrag zur Fach- und Wissenschaftsgeschichte. In: *Info DaF* 24(6), 1997. pp. 780-795.
- BLEI, Dagmar. *Zur Fachgeschichte Deutsch als Fremdsprache. Eigengeschichten zur Wissenschaftsgeschichte*. Frankfurt, Lang, 2003.
- BLEI, Dagmar / GOETZE, Lutz. Entwicklungen des Faches Deutsch als Fremdsprache in Deutschland. In: HELBIG, Gerhard et al. (orgs.). *Deutsch als Fremdsprache. Ein internationales Handbuch*, vol. 1. Berlin / New York, de Gruyter, 2001, 83-97.
- BRAUN, Korbinian / NIEDER, Lorenz / SCHMÖE, Friedrich. *Deutsch als Fremdsprache 1*. Stuttgart: Klett, 1967.
- CHRIST, Herbert. Sprachenpolitische Perspektiven. In: BAUSCH, Karl-Heinz / CHRIST, Herbert / HÜLLEN, Werner (orgs.). *Handbuch Fremdsprachenunterricht*. Tübingen / Basel, Francke, ³1995. pp. 75-81.
- CLAHSEN, Harald / MEISEL, Jürgen / PIENEMANN, Manfred. *Deutsch als Zweitsprache. Der Spracherwerb ausländischer Arbeitnehmer*. Tübingen, Narr, 1983.
- GERINGHAUSEN, Josef / SEEL, Peter C. (orgs.). *Methodentransfer oder angepasste Unterrichtsformen. Dokumentation eines Werkstattgesprächs des Goethe-Instituts München vom 24.-26. Oktober 1985*. München, Goethe-Institut, 1986.
- GOETHE-INSTITUT. *Quem somos*, 2013. <<http://www.goethe.de/ins/br/lp/uun/ptindex.htm>> (08/07/2013).
- GOETHE-INSTITUT INTER NATIONES. *Murnau, Manila, Minsk. 50 Jahre Goethe-Institut*. München, Beck, 2001.
- GOETZE, Lutz / HELBIG, Gerhard / HENRICI, Gert / KRUMM, Hans-Jürgen. Die Struktur des Faches. In: HELBIG, Gerhard et al. (orgs.). *Deutsch als Fremdsprache. Ein internationales Handbuch*, vol. 1. Berlin / New York, de Gruyter, 2001. pp.1-11.

- GÖTZE, Lutz / SUCHSLAND, Peter. Deutsch als Fremdsprache. Thesen zur Struktur eines Faches. In: *Deutsch als Fremdsprache* 33(2), 1996. pp. 67-72.
- GRIESBACH, Heinz. Am Anfang war fast nichts. Wie es vor 50 Jahren begann. In: GOETHE-INSTITUT INTER NATIONES. *Murnau, Manila, Minsk. 50 Jahre Goethe-Institut*. München, Beck, 2001. pp. 73-75.
- HELBIG, Gerhard. Noch einmal: Quo vadis, DaF? In: *Deutsch als Fremdsprache* 34(3), 1997. pp. 131-138.
- HELBIG, Gerhard / BUSCHA, Joachim. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Leipzig, Verlag Enzyklopädie, 1972.
- HELBIG, Gerhard et al. (orgs.). *Deutsch als Fremdsprache. Ein internationales Handbuch*, vols. 1 e 2. Berlin / New York, de Gruyter, 2001.
- HERDER-INSTITUT. *Historisches zum Herder-Institut*, s/d. <<http://www.uni-leipzig.de/herder/hi.site.postext.chronologie.html?PHPSESSID=nosqcd72041e4semfhfp8sjuhas856sd>> (09/07/2013).
- HUEBER. *Chronik. Der Hueber Verlag im Wandel der Zeit*, 2013. <http://www.hueber.de/seite/chronik_daf> (09/07/2013).
- HÜLLEN, Werner. Ein Plädoyer für das Studium der Geschichte des Fremdsprachenunterrichts. In: *Zeitschrift für Fremdsprachenforschung* 11(1), 2000. pp. 31-39.
- INTERNATIONALER DEUTSCHLEHRERVERBAND (IDV). *Zweites Vorprogramm der XV. Internationalen Tagung der Deutschlehrerinnen und Deutschlehrer*. Bozen, 2012.
- KÖNIGS, Frank G. Deutsch als Fremdsprache – ein Fach auf der Suche nach seinen Konturen. In: *Deutsch als Fremdsprache* 33(4), 1996. pp. 195-199.
- KREUTZ, Lúcio. *Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, Unisinos, 1994.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas dos imigrantes alemães no Brasil. In: *Martius-Staden-Jahrbuch* 11, 2005. pp. 91-106.
- KRUMM, Hans-Jürgen. Lehrerfortbildung – Hilfe zur Selbsthilfe oder Methodenexport? In: Sturm, Dietrich (org.). *Deutsch als Fremdsprache weltweit. Situation und Tendenzen*. München, Hueber, 1987. pp. 111-122.
- KRUMM, Hans-Jürgen; SKIBITZKI, Bernd; SORGER, Brigitte. Entwicklungen von Deutsch als Fremdsprache in Deutschland nach 1945. In: KRUMM, Hans-Jürgen et al. (orgs.). *Deutsch als Fremd- und Zweitsprache. Ein internationales Handbuch*, vol 1. Berlin / New York, de Gruyter, 2010. pp. 44-55.
- KRUMM, Hans-Jürgen et al. (orgs.). *Deutsch als Fremd- und Zweitsprache. Ein internationales Handbuch*, vols. 1 e 2. Berlin / New York, de Gruyter, 2010.
- KRUMM, Hans-Jürgen et al. Vorwort. In: _____ (orgs.). *Deutsch als Fremd- und Zweitsprache. Ein internationales Handbuch*, vol. 1. Berlin / New York, de Gruyter, 2010, V-X.
- MICHELS, Eckard. Keine Stunde Null. Vorgeschichte und Anfänge des Goethe-Instituts. In: GOETHE-INSTITUT INTERNATIONES (org.). *Murnau – Manila – Minsk. 50 Jahre Goethe-Institut*. München, Beck, 2001. pp. 13-23.
- MICHELS, Eckard. *Von der Deutschen Akademie zum Goethe-Institut. Sprach- und auswärtige Kulturpolitik 1923-1960*. München, Oldenbourg, 2005.

- NEUNER, Gerhard / SCHMIDT, Reiner / WILMS, Heinz / ZIRKEL, Manfred. *Deutsch aktiv 1*. Berlin et al., Langenscheidt, 1979.
- PARTHEYMÜLLER, Doris; RODI, Margarete. Grundzüge der methodisch-didaktischen Entwicklungen am Goethe-Institut. In: *Zielsprache Deutsch* 26(3), 1995. pp. 148-155.
- RAUTZENBERG, Jörg. *Strukturübungen für den Grundkurs*. Belo Horizonte, Goethe-Institut, 1975.
- RAUTZENBERG, Anke / RAUTZENBERG, Jörg. *Aufbaukurs Deutsch Teil 1*. São Paulo, E.P.U., 1976.
- SABALIUS, Romey. Unterschiedliche Methoden in Deutsch als Fremdsprache: Ein Vergleich von Forschung und Unterricht in der Bundesrepublik und der ehemaligen DDR. In: *Die Unterrichtspraxis* 28(1), 1995. pp. 57-68.
- SCHULZ, Dora / GRIESBACH, Heinz. *Deutsche Sprachlehre für Ausländer*. München, Hueber, 2001.
- SCHULZ, Hans / SUNDERMEYER, Wilhelm. *Deutsche Sprachlehre für Ausländer. Grammatik und Übungsbuch*. Berlin, Verlag des Deutschen Instituts für Ausländer, 1929.
- SEEL, Peter C. Vorwort. In: GERINGHAUSEN, Josef / SEEL, Peter C. (orgs.). *Methodentransfer oder angepasste Unterrichtsformen. Dokumentation eines Werkstattgesprächs des Goethe-Instituts München vom 24.-26. Oktober 1985*. München, Goethe-Institut, 1986. pp. 5-7.
- SORGER, Brigitte. *Der Internationale Deutschlehrerverband und seine Sprachenpolitik. Ein Beitrag zur Fachgeschichte von Deutsch als Fremdsprache*. Innsbruck, Studienverlag, 2012.
- STEINMÜLLER, Ulrich. *Deutsch als Fremdsprache in der internationalen Kooperation*. Plenária apresentada no 7º Congresso Brasileiro de Professores de Alemão. Rio de Janeiro, 22/07/2008 (mimeo).
- UPHOFF, Dörthe. *O poder do livro didático e a posição do professor no ensino de Alemão como Língua Estrangeira*. Tese de doutorado. IEL/Unicamp, Campinas, 2009. <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000468697&opt=4>> (27/07/ 2013).
- UPHOFF, Dörthe. Uma pequena história do ensino de alemão no Brasil. In: BOHUNOVSKY, Ruth (org.). *Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos*. Curitiba, Editora da UFPR, 2011. pp. 13-30.
- WIERLACHER, Alois. Überlegungen zur Begründung eines Ausbildungsfaches Deutsch als Fremdsprache. In: *Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache* 1, 1975. pp. 119-136.

Recebido em 31/07/2013

aceito em 08/10/2013